

O perfil sócio-profissional dos psicólogos em Portugal: I-Matriz das relações profissionais e áreas de intervenção

LUIS SOCZKA
JORGE VALA
JOAQUIM BAIRRÃO *

INTRODUÇÃO

Diz um velho ditado popular que «em casa de ferreiro, espeto de pau». Só assim será possível compreender, com efeito, o desinteresse que os psicólogos portugueses (sobretudo aqueles que se dedicam ao estudo das profissões dos outros) têm manifestado pelo estudo de sua própria situação sócio-profissional.

Antes do 25 de Abril, poderia ser facilmente explicável a ausência de qualquer estudo sistemático sobre a situação sócio-profissional dos psicólogos, nomeadamente devido ao carácter fechado de que se revestiam as duas únicas estruturas que congregavam profissionais de Psicologia, mas que do seu seio excluíam a grande maioria dos psicólogos portugueses: o chamado Sindicato e a Sociedade Portuguesa de Psicologia. Todavia, esta situação veio a alterar-se radicalmente e não pode deixar de constituir motivo de admiração para muitos o ter-se esperado por 1981 para a primeira exploração sistemática da situação dos psicólogos portugueses,

bem como das linhas de força da sua acção, das suas origens e aspirações.

O primeiro inquérito à classe foi realizado em Maio de 1981 por solicitação da Comissão Organizadora do II Encontro Nacional de Psicologia, promovido pelo Sindicato Nacional dos Psicólogos.

Uma primeira apresentação dos resultados obtidos foi feita no decurso desse II Encontro pelos autores do presente artigo, e a sua análise será brevemente publicada pelo SNP. Aí se deu conta pormenorizadamente das características da amostra e da globalidade das questões que constituíam o inquérito, enviado à totalidade dos psicólogos inscritos no Sindicato, bem como a outros que directamente solicitaram o seu envio, num total de cerca de 900 indivíduos.

O trabalho então apresentado pode constituir um primeiro ponto de referência objectivo da situação da nossa profissão, e segue a linha de orientação de investigações sistemáticas prosseguidas noutros países e de que citamos, a mero título de exemplo, os trabalhos de Vinitzky (1973), de Garfield e Kurtz (1976) ou de Wedell e Lambourne (1980).

No presente trabalho, que inicia uma série de artigos dedicados à exploração dos resultados desse inquérito, propomo-nos analisar quais os grandes conjuntos de relações profes-

* L. S., Laboratório Nacional de Engenharia Civil; J. V., Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e Grupo de Estudos de Psicologia Social do ISPA; J. B., Centro de Observação e Orientação Médico-Pedagógico (Ministério dos Assuntos Sociais). Os autores agradecem o eficiente apoio dos membros do Secretariado do II Encontro Nacional de Psicologia, Carlos Gonçalves, Celsa Pimenta e José Pedro Oliveira.

sionais dos psicólogos, e quais as grandes áreas de intervenção na Psicologia, definindo-as precisamente a partir da matriz de relações profissionais dos psicólogos.

Estas questões parecem-nos pertinentes pelo alcance de que se revestem a nível da perspectiva sócio-institucional da profissão de psicólogo, e a nível da procura de elucidação da sua identidade social. De facto, estabelecer os grandes conjuntos e respectivas ligações de interacção profissional dos psicólogos corresponde a situá-los no campo dos interventores sociais, campo onde, a um tempo, se estabelecerá a especificidade e a interdependência da sua acção. Partimos da hipótese de que um determinado papel social é em grande parte definido por um jogo de negociações, implícitas ou explícitas, entre o actor-sujeito do papel em causa, os actores-objecto desse mesmo papel e ainda os actores-sujeitos de outros papéis que a acção decorrente do primeiro necessariamente implica. O estudo que propomos não refere um dos elementos da tríade enunciados — o objecto de acção do psicólogo —, o que desde logo limita o alcance das hipóteses que na sequência dos resultados obtidos possamos formular. No entanto, focaliza-se a interdependência do papel do psicólogo face a outros papéis, quadro em que o primeiro tentará definir a sua estratégia de actuação-negociação. Tal estratégia poderá assumir então a forma de identificação com entidades cujo poder social é maior (e desembocará na dependência), ou a forma de acentuação das diferenças e semelhanças, o que conduzirá a uma interdependência equilibrada. Uma terceira estratégia é ainda possível: acentuar as diferenças e ocultar as semelhanças, via que conduz a uma fantasia de autonomia.

Este estudo abre, quanto a nós, perspectivas para uma investigação aprofundada sobre a identidade ou as identidades dos psicólogos, e as estratégias de acção que lhes são subjacentes. Questões estas que são, aliás, objecto de um projecto de investigação prosseguido por A. Palmonari (1981) sobre os psicólogos italianos.

MÉTODO

1. *Amostra*

Uma das perguntas do questionário estruturado em que assenta o nosso inquérito apresentava-se sob a forma de uma escala de Lickert onde se solicitava aos respondentes que indicassem a frequência dos contactos mantidos com outros técnicos, no âmbito do exercício da sua actividade como psicólogos. Foram assim excluídos no tratamento desta questão todos os respondentes que, por uma razão ou outra, não exercem actividade remunerada como psicólogos. Num total de 342 respondentes, a nossa amostra ficou reduzida a 217 respostas válidas para esta questão.

As respostas à questão referida (contactos profissionais com outros técnicos) foram cruzadas com as respostas à tipologia de classificação profissional de 1980 da *American Psychological Association*.

2. *Análise dos dados*

A primeira questão que nos pusemos, foi a de saber quais os grandes conjuntos de relações interprofissionais dos psicólogos. Para responder a esta questão, submetemos a matriz de dados a uma análise de proximidades (*Smallest Space Analysis*) de acordo com o método de Guttman-Lingoes (Lingoes, 1973). A matriz de dados apresentava-se com uma dimensão de 7 (grandes áreas de intervenção da grelha da A. P. A. \times 20 (profissões dos técnicos com quem se estabelecem contactos profissionais), sendo a métrica baseada numa escala ordinal de contactos.

Utilizou-se o programa MINISSA-I (M)/SSA-1 nesta análise de proximidades, realizada no computador DEC-10 do L. N. E. C. A matriz de proximidades foi estabelecida a partir dos coeficientes de correlação entre as variáveis dependentes (profissões contactadas), sendo minimizado o índice de *stress* de Kruskal (Lingoes e Roskam, 1973).

A segunda questão que procurámos analisar foi determinar as grandes áreas de intervenção

profissional, procedendo-se a uma *análise factorial de correspondências* entre as classificações profissionais por domínios da Psicologia (grelha da A. P. A.) e os tipos de técnicos profissionalmente contactados, segundo as frequências de contacto. O programa utilizado está descrito por Esteves (1981), sendo também utilizado para o processamento dos dados o equipamento do Centro de Informática do L. N. E. C.

RESULTADOS

1. Grandes conjuntos de relações interprofissionais: análise de proximidades

Foi adoptada uma solução a duas dimensões, sendo obtido um índice de *stress* de .10; a solução a três dimensões reduziria, evidentemente, este *stress* (para .07), mas o ganho de adequação formal do modelo não parece relevante do ponto de vista substantivo, pelo que considera-

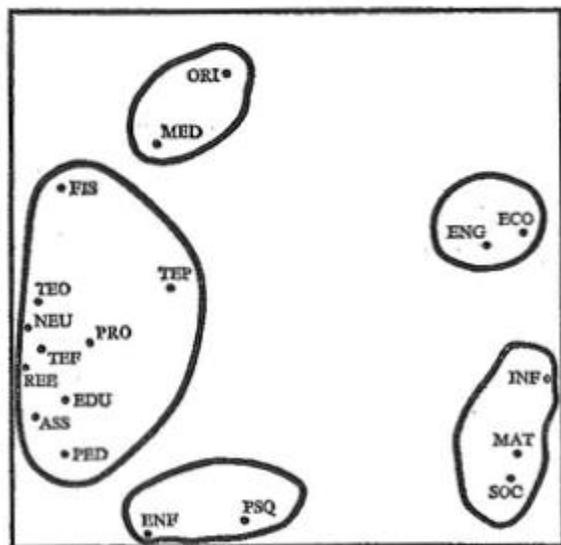


Fig. 1

Análise de proximidades dos tipos de técnicos contactados profissionalmente pelos psicólogos.

ORI - orientadores profissionais e vocacionais; PSQ - psiquiatras; ENF - enfermeiros; PED - pediatras; NEU - neurologistas; MED - outros médicos; TEO - terapeutas ocupacionais; TEF - terapeutas da fala; TEP - terapeutas da psicomotricidade; REE - reeducadores da escrita, do cálculo e da leitura; EDU - educadoras de infância; PRO - professores; ASS - assistentes sociais; ENG - engenheiros; ECO - economistas e gestores; INF - informáticos; MAT - matemáticos; SOC - sociólogos.

mos ser suficientemente satisfatória a solução a duas dimensões.

Os resultados são representados na fig. 1, parecendo claro que emergem cinco grandes conjuntos de técnicos com quem os psicólogos contactam profissionalmente, o que corresponde a outras tantas submatrizes de relações profissionais. Temos, assim, um conjunto definido pelas relações com enfermeiros (ENF) e psiquiatras (PSQ); um conjunto mais vasto definido pelos pediatras (PED), assistentes sociais (ASS), educadoras de infância (EDU), reeducadores da escrita e do cálculo (REE), professores (PRO), terapeutas da fala (TEF), neurologistas (NEU), terapeutas ocupacionais (TEO), fisioterapeutas (FIS) e ainda terapeutas da psicomotricidade (TEP); um terceiro conjunto, definido pela associação com «outros médicos» (MED), com os orientadores profissionais e vocacionais (ORI); um quarto grupo, constituído por engenheiros (ENG) e economistas e gestores (ECO); e, finalmente, um conjunto composto por informáticos (INF), estatísticos e matemáticos (MAT) e sociólogos (SOC). Admitimos como hipótese para a nossa análise que seria a partir destes grandes conjuntos interprofissionais que os psicólogos edificariam os seus diferentes papéis e identidades.

2. Áreas de intervenção dos psicólogos: análise factorial de correspondências

Tentámos seguidamente determinar as grandes áreas de intervenção profissional, a partir de uma *Análise Factorial de Correspondências* (Lebart *et al.*, 1977). Esta análise tem por pressuposto o que enunciamos na introdução a este trabalho, ou seja: a hipótese de que as grandes áreas de intervenção profissional do psicólogo devem assentar na conglomeração dos diferentes sistemas de relação profissional em que ele se insere.

Para esta AFC recorreremos às categorias de análise (profissões) anteriormente utilizadas, mais a categoria «outros psicólogos» (PSI), dado que já não se tratava aqui de definir apenas a matriz de relações interprofissionais

dos psicólogos mas de confrontar os psicólogos, por tipos de respostas à grelha da A.P.A. (ou seja: domínios de intervenção profissionais declarados pelos respondentes), com os diferentes técnicos com quem se relacionam, o que necessariamente inclui outros psicólogos, para a esmagadora maioria dos inquiridos.

Foram extraídos três factores responsáveis por 87,8 % da variância total, sendo o factor I responsável por 62,5 % da variância, o factor II por 15,3 % e o factor III por 10 %. Um quarto factor, responsável por apenas 5,6 % da variância, não nos pareceu já passível de uma interpretação clara.

Nas figuras 2 e 3 apresenta-se conjuntamente a representação gráfica, segundo as suas coordenadas nos eixos factoriais, dos domínios de intervenção declarados (grelha da A. P. A.) e das categorias profissionais contactadas.

O factor I opõe os psicólogos sociais (*SCL*) e organizacionais (*ORG*) aos psicólogos educa-

cionais (*EDL*), do desenvolvimento (*DES*) e clínicos (*CLI*). No entanto, é visível que os psicólogos sociais e os psicólogos organizacionais formam dois subconjuntos distintos no mesmo espaço factorial, sendo aliás bem diferente a sua contribuição para este primeiro factor, a qual é da ordem dos 52 % por parte dos psicólogos organizacionais e de 14 % por parte dos psicólogos sociais. O mesmo não sucede com os psicólogos educacionais, do desenvolvimento e clínicos, cujo posicionamento no espaço factorial é bastante próximo e cuja contribuição para o factor I é muito semelhante. Em conjunto, estas três categorias de psicólogos contribuem para este factor com um peso relativo de 32 %.

Do ponto de vista das relações dos psicólogos com outros profissionais, verifica-se que existe uma associação predominante dos *ORG* com engenheiros (*ENG*), com economistas e gestores (*ECO*); dos *SCL* com matemáticos e

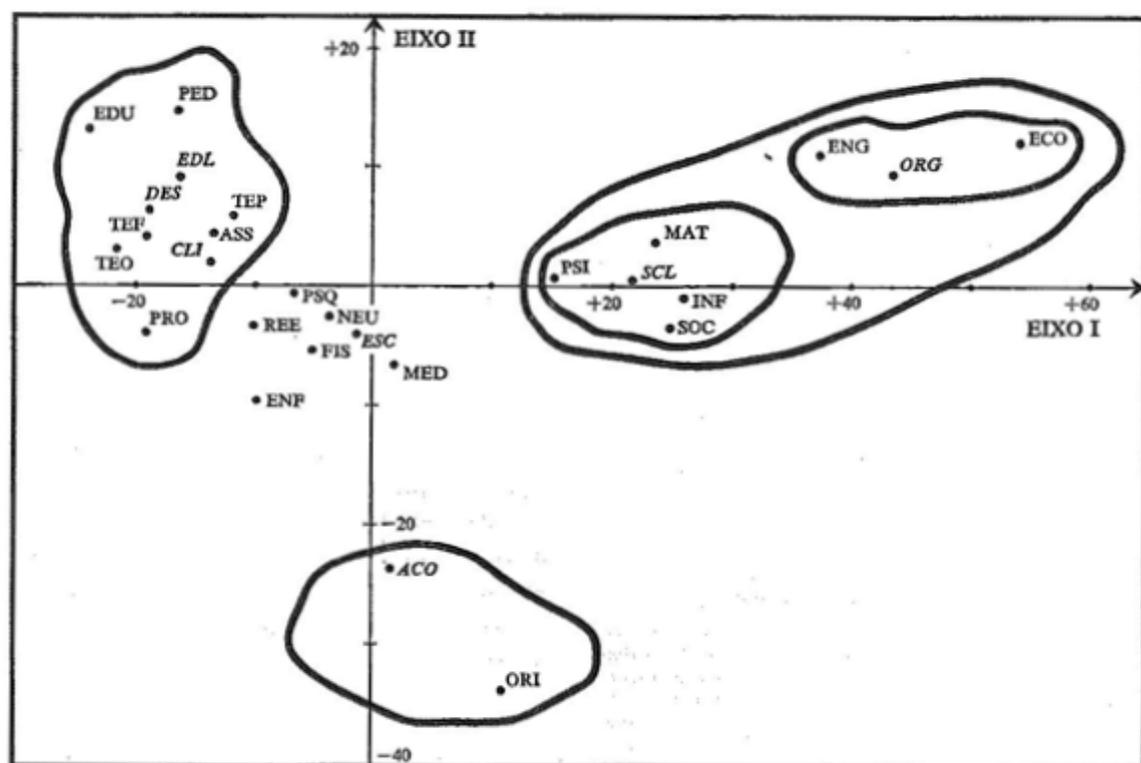


Fig. 2

Análise factorial de correspondências: Factores I e II.

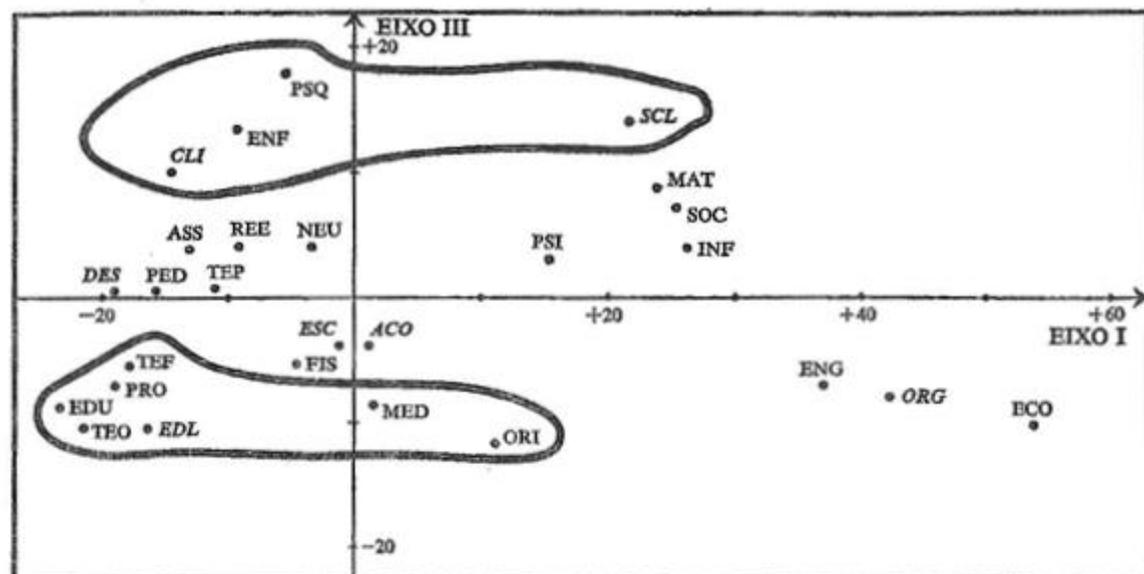


Fig. 3

Análise factorial de correspondências: Factores I e III.

estatísticos (MAT), informáticos (INF) e sociólogos (SOC), assim como com outros psicólogos (PSI); e da tríade EDL/DES/CLI com terapeutas ocupacionais (TED), da fala (TEF), assistentes sociais (ASS), terapeutas da psicomotricidade (TEP) e professores (PRO).

O factor II isola os psicólogos do ramo de aconselhamento (ACO), responsáveis por 73 % da variância deste factor, que se associam profissionalmente com os orientadores vocacionais e profissionais (ORI). Note-se ainda a estreita associação da variável ACO com o factor II, que explica 92 % da variância desta variável.

Na figura 4, que contrapõe os eixos I e II do modelo, constata-se que no terceiro factor se opõem os psicólogos clínicos e os sociais (61 %) aos psicólogos educacionais (22 %). A análise dos casos individuais que contribuem para esta associação dos clínicos com os sociais sugere-nos que tal se deve ao peso de vários psicólogos sociais com práticas clínicas e grupo-terapêuticas. Verifica-se também um distanciamento entre os psicólogos sociais com dominância clínica e os profissionais dos grupos MAT, INF e SOC.

Por outro lado, este factor permite diferenciar claramente duas categorias de intervenção que se encontravam anteriormente conglomeradas: a clínica de adultos, eventualmente com prática em contexto hospitalar, e relações predominantes com psiquiatras (PSQ) e enfermeiros (ENF), e a intervenção clínica e psicopedagógica junto de crianças, relações dominantes com TEO, TEF, PRO e EDU.

Refira-se, finalmente, que o quarto factor (5,6 % da variância total) não nos parece relevante, como acima dissemos, embora seja nele que se encontram com maior peso factorial os psicólogos escolares (ESC), responsáveis por 58 % da variância deste factor e por ele explicados em 71 %.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

1. A continuidade dos resultados obtidos entre a primeira análise (SSA — estabelecimento dos grandes grupos de relações profissionais) e o factor I da segunda análise (AFC — estabelecimento das grandes áreas de intervenção profissional) mostra o interesse e a

pertinência da perspectiva que subjaz a este trabalho.

2. A constatação da existência de dois campos profissionais bem diferenciados — o que assenta na intervenção sobre os indivíduos e o que assenta na intervenção sobre as organizações, na maioria dos casos industriais — que é evidenciada pelo factor I da AFC, assume um significado relevante. É no entanto legítimo interrogarmo-nos sobre o alcance real de uma segmentação que assenta na distinção das unidades de intervenção: indivíduos ou grupos primários num caso, e organizações no outro. Um estudo mais aprofundado sobre a acção dos psicólogos organizacionais viria talvez mostrar como as unidades mais frequentes da sua intervenção são ainda os indivíduos e não as organizações. Teríamos, então, que o que subjaz à dicotomia encontrada é, sobretudo, *uma diferença de espaços institucionais de actuação*: o hospital, a escola e o consultório, por um lado; e as fábricas e empresas de serviços, por outro.

3. Pretendemos ainda sublinhar o facto de este estudo mostrar como é ainda difusa a separação entre clínicos, psicopedagogos, psicólogos escolares e psicólogos educacionais. Para além de espaços diferentes de actuação, a especificidade da acção destes diversos tipos de psicólogos parece assentar sobretudo na idade dos sujeitos clientes. Cremos que haverá ainda diferenças técnicas, nomeadamente do ponto de vista dos instrumentos teórico-práticos utilizados, mas essa base de diferenciação escapa ao objectivo deste trabalho.

4. É interessante constatar a separação que se delinea entre psicólogos sociais e organizacionais, no factor III da AFC. Esta separação parece corresponder a duas ordens de razões. Por um lado, os psicólogos sociais surgem-nos mais ligados a categorias profissionais que fazem supor a sua orientação dominante para a investigação, enquanto que os psicólogos organizacionais aparecem mais voltados para

questões que se prendem com a intervenção prática. Por outro lado, os psicólogos sociais aparecem ligados àqueles que fazem clínica de adultos, o que constitui um outro plano de clivagem em relação aos psicólogos organizacionais.

5. A associação encontrada entre psicólogos sociais e clínicos, no espaço do factor III, remete-nos para a emergência de uma psicologia social clínica. Como dissemos, a análise das respostas individuais dos inquiridos torna explícita a existência de um conjunto de psicólogos que intervêm junto de grupos primários com objectivos psicoterapêuticos, e que se reclamam da psicologia social. É todavia crível que estes psicólogos estejam bem mais próximos dos modelos, objectivos e métodos dos psicólogos clínicos «individuais» do que dos modelos, objectivos e métodos da Psicologia Social.

6. É de bom método em Psicologia atender não só ao que se diz como ao que não é dito. Ou seja: as lacunas apresentam também significação. Neste caso concreto, a grande ausente parece ser a investigação e as áreas de pesquisas teóricas, que na grelha da A. P. A. se encontravam previstas, e que não encontraram eco nas respostas obtidas (áreas de sistemas e métodos, pesquisa experimental, etc.). De facto, as áreas que inventariámos são áreas de intervenção prática, e não se registam respostas significativas naquelas áreas com dominância da actividade de pesquisa teórica e metodológica. Outros dados, recolhidos no inquérito global realizado, e aqui não analisados, informam-nos que apenas cerca de 3% dos inquiridos se dedicam de forma mais ou menos sistemática e profissional à investigação. No entanto, cerca de 33% dos respondentes declaram que estavam a participar ou haviam participado em projectos de investigação!

Quer-nos parecer que, ou a investigação declinou abruptamente nos últimos tempos neste país, ou uma quantidade significativa de psicólogos faz investigação mas não diz onde o faz nem publica as eventuais conclusões desse

labor, ou uma ínfima minoria (3 %) de psicólogos abriga arduamente um terço (!) dos restantes psicólogos em projectos infelizmente ignorados.

Como afirmamos na introdução, este trabalho sugere a necessidade de uma pesquisa aprofundada sobre a identidade profissional dos psicólogos. O que somos? Que representação nos damos da Psicologia? Qual a psicologia dos psicólogos?

É óbvio que não temos a pretensão de com este trabalho, ou com qualquer outro derivado desta primeira abordagem sistemática da situação sócio-profissional dos psicólogos, responder a estas questões. Mas esperamos ter pelo menos contribuído para fomentar o interesse, que parece tardio em desabrochar, dos psicólogos pelos psicólogos enquanto objecto de estudo.

SUMMARY

The authors proceed to a multidimensional analysis of the matrix of socio-professional relationships of Portuguese psychologists, by means of both Smallest Space Analysis and Factorial Correspondencies Analysis techniques.

The subjects were 217 psychologists, divided in professional fields upon the American Psychological Association classification grid.

The SSA revealed five main clusters of inter-professional contacts, and the FCA provided three factors accounting for 87.8 % of the total variance, which allowed the distinction between a social-organizational group vs. a clinical-educational group (factor I), counseling psychologist (factor II) and adult-oriented vs. children-oriented practitioners (factor III). The classification rested on the professional contacts of psychologists with other professionals.

REFERÊNCIAS

- ESTEVES, L. — *Programa AFC-FOR*, Centro de Informática, LNEC, Lisboa.
- GARFIELD, S. e KURTZ, R. (1976) — «Clinical Psychologists in the 1970's», *American Psychologist*, 31, 1:1-9.
- LEBART, L., MORINEAU, A. e TABARD, N. (1977) — *Techniques de la description statistique*, Dunod, Paris.
- LINGOES, J. (1973) — *The Guttman-Lingoes Non-Metric Program Series*, Mathesis Press, Ann Arbor.
- LINGOES, J. e ROSKAM, E. (1973) — «A mathematical and empirical analysis of two multidimensional scaling algorithms», *Psychometrika (Monograph Supplement)*, 38, 4 (2).
- PALMONARI, A., POMBENI, L., RICCI-PITT, P. E. e ZANI, B. (1981) — «The Psychologists and their professionalisation: an outlook on professional differentiation», Comunicação no *General Meeting da EAESP*, Sussex.
- VINITSKY, V. (1973) — «A 40-year follow up on the vocational interest of Psychologists and their relationship to career development», *American Psychologist*, 28, 11:1000-1009.
- WEDELL, K. e LAMBOURNE, R. (1980) — *Psychological Service for Children in England and Wales*, British Psychological Society.